

# Costa falhou maioria absoluta no “melhor contexto” possível

Estudo do ICS sobre o comportamento eleitoral em 2019 mostra que os portugueses se identificam cada vez menos com partidos, o que faz com que o voto seja cada mais determinado por factores conjunturais



Mesmo com uma situação económica favorável e uma popularidade superior à de Rio, o líder do PS não alcançou a maioria absoluta

## Eleições legislativas Leonete Botelho

Os portugueses identificam-se cada vez menos com um partido político, dando espaço a que a decisão quanto ao voto em eleições legislativas se faça mais por factores conjunturais, como o contexto económico ou a popularidade dos líderes partidários. As eleições legislativas de 2019 comprovaram essa realidade, mas deixaram uma incógnita por resolver: se a maioria dos portugueses

tinha uma percepção positiva da situação económica e se a popularidade de António Costa era bastante superior à de Rui Rio, porque é que o PS não teve maioria absoluta?

“Era o melhor contexto para uma maioria absoluta do PS, que nunca veio a acontecer”, notou Marina Costa Lobo, na apresentação do estudo sobre o comportamento eleitoral dos portugueses, coordenado por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/IUL) liderada pela investi-

gadora. Apresentado ontem, o estudo, com base em inquéritos realizados entre 12 de Outubro e 19 de Dezembro de 2019, não responde àquela questão sobre o resultado do PS de Costa, mas a parte relativa ao papel da economia e dos líderes nessas eleições deixa algumas pistas.

Uma delas é a forma como a popularidade dos líderes dos dois maiores partidos se repartia: embora António Costa fosse bastante mais popular que Rui Rio (5,9 pontos contra 3,8), Costa era menos popu-

Data: 21.02.2020

Titulo: Costa falhou maioria absoluta no "melhor contexto" possível

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10



lar entre os votantes do PS em 2019 do que era em 2015. Pelo contrário, tornou-se mais popular entre votantes do BE, do PCP e até de direita de 2015 para 2019. Já Rio era bastante menos popular do que Passos Coelho quatro anos antes, mas era mais popular à esquerda em 2019 do que Passos em 2015.

“Os líderes foram, nesta eleição de 2019, mais importantes do que economia para explicar o voto” dos eleitores sem identificação partidária, sustentou Marina Costa Lobo.

Os inquéritos realizados pela GfK Metris após as legislativas, com 1500 entrevistas validadas, permitiu fazer diferentes análises sobre o comportamento eleitoral dos portugueses, não só em relação às últimas eleições mas comparando até dados de 2002, ano em que se realizou o primeiro trabalho do género.

Uma das conclusões surpreendentes de Marina Costa é a diluição da identificação partidária dos portugueses nos últimos 18 anos. “Enquanto na primeira década de 2000 63% dos inquiridos afirmavam ter uma simpatia partidária, este valor baixa para 43%” na segunda década do século. “Em 2019, apenas 50% do eleitorado afirma ter uma simpatia partidária”, nota. Ora, se a identificação partidária “é a principal âncora de estabilização do voto”, a falta dela abre espaço para novas realidades. E foi o que aconteceu nas últimas eleições.

#### As bases sociais dos partidos

Ainda assim, Pedro Magalhães identificou algumas características das bases sociais dos partidos portugueses, numa leitura comparada dos resultados obtidos entre 2002 e 2019. “Apesar de difusas, os partidos portugueses têm bases sociais identificáveis”, escreve o investigador do ICS.

À esquerda, o BE atrai sobretudo jovens, com baixa religiosidade e altos níveis de instrução e de rendimento, enquanto a CDU é mais popular entre os mais velhos e de baixa religiosidade, mas é heterogénea do ponto de vista da instrução e de rendimento. Já o PS atrai um eleitorado mais envelhecido e menos instruído, sendo heterogéneo a nível religioso.

À direita, notou que existe uma forte e estável implantação junto do eleitorado mais religioso, mas também que os partidos deste ponto do espectro entraram em perda junto dos mais velhos a partir de 2011: “É difícil não relacionar isso com a governação entre 2011 e 2015 e os efeitos das políticas sobre os pensionistas”, disse Pedro Magalhães.

A análise revela também que a abstenção entre as mulheres e os mais pobres tem vindo a acentuar-se desde 2011 e que, quanto mais jovens são os eleitores, maior é a abstenção (embora essa tendência seja mais forte numas eleições do que em outras).

lbotelho@publico.pt



## Os líderes foram, nesta eleição de 2019, mais importantes do que economia para explicar o voto

**Marina Costa Lobo**

Investigadora do ICS

Área: 623cm<sup>2</sup> / 66%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6753462